

**GRANDES NARRATIVAS COBERTAS POR ‘ZONAS CINZENTAS’:  
NARRATIVAS LEMBRADAS/ESQUECIDAS EM ‘OS ANÉIS DE SATURNO’  
DE W. G. SEBALD**

Marcos Eduardo de Sousa (UFOP)

O presente trabalho é uma reflexão que tem sua origem em minha dissertação de mestrado intitulada **“Nossa história que consiste quase só em calamidades”**: a memória e o esquecimento na obra **“Os anéis de Saturno”** de W. G. Sebald (SOUSA, 2014) e se focará no modo como Sebald utiliza-se da viagem, da peregrinação, uma caminhar quase que ‘descompromissado’ na construção narrativa, sendo que é por esses modos de deslocamento que emergem as memórias. O narrador sebaldiano<sup>1</sup>, a medida em que caminha pela costa leste inglesa, visita lugares e encontra pessoas que tornam possível a emergência das memórias relacionadas a essas localidades ou mesmo a essas pessoas. Cabe ressaltar que a grande maioria dessas memórias são de elementos ou perspectivas normalmente negligenciados pela historiografia tradicional<sup>2</sup>.

Antes de tratar propriamente do modo como o narrador se relaciona com as memórias e os espaços pelos quais ele percorre, considero ser fundamental explicitar sobre o que é e como se desenvolve a narrativa de **Os anéis de Saturno: uma peregrinação inglesa**. A obra versa sobre uma viagem/peregrinação<sup>3</sup> do narrador pela costa leste inglesa. Se há uma categoria que define muito bem as representações que o narrador faz da região é a decadência. E, na medida em que ele vai visitando lugares emergem memórias de eventos importantes que ocorreram nesses lugares ou mesmo com as pessoas com quem ele conversa. Para se evitar aqui uma confusão conceitual,

<sup>1</sup> Apesar do presente trabalho se limitar a obra **Os anéis de Saturno** as demais obras em prosa do autor também possuem a viagem como elemento de grande importância para as narrativas.

<sup>2</sup> Para os fins que se pretende aqui, consideramos historiografia tradicional aquela focada nos grandes eventos históricos e nas grandes personalidades da História, ou seja, ela não engloba nessa ideia, em princípio, as principais mudanças inseridas principalmente a partir da Escola dos *Annales*.

<sup>3</sup> Em virtude da limitação do espaço não será abordado nesse trabalho as aproximações e distanciamentos que se fazem presente na obra sebaldiana entre os conceitos de viagem, peregrinação e turismo; parte dessa distinção e reelaboração feita pelo autor está presente no capítulo 1 – “Caminhando por terras habitadas por fantasmas: uma viagem marcada pela destruição e pelo abandono” – de minha dissertação.

evito utilizar o conceito de ‘lugar de memória’ de Pierre Nora (1993) por considerar que essa terminologia está intimamente relacionada às memórias que atuam na constituição de uma identidade nacional, e como as memórias abordadas pelo narrador não possuem esse elemento, utilizarei a expressão lugares que suscitam memórias. Uma característica muito importante da grande maioria das memórias que são retomadas pelo narrador é possuírem como característica a destruição, a ruína.

Desse modo, o narrador a medida que vai caminhando pelos locais acaba por utilizar-se das ruínas como uma espécie de ‘gatilhos mnemônicos’, ou seja, são essas ruínas que tornam possível a emergência de memórias – memórias individuais, memórias coletivas (HALBWACHS, 2006), memórias culturais (ASSMANN, 2006). Um fato que acaba chamando muita atenção é o modo com que o narrador passa de uma história a outra, num processo vertiginoso de concatenação de histórias. A crítica sobre a obra sebaldiana, de maneira geral, senão de modo quase unânime, não associa esse procedimento a processo *mise-en-abyme*, mas sim, a digressão. A viagem e suas digressões atuam como modo de estruturação da narrativa: “são nelas (em seu interior), com elas (histórias que servem de ‘guia’ ao narrador) ou mesmo por elas (como elemento desencadeador) que a narrativa é construída.” (SOUSA, 2014, p. 36).

Essa particularidade na passagem de um evento a outro acaba por proporcionar uma espécie de ‘apagamento’ nos saltos entre uma temática e outra. Um exemplo desse processo pode ser observado, de forma bem clara, no desenvolvimento do capítulo 1 do livro de Sebald. Nele o narrador começa a história estando num hospital; e ao observar a cidade do alto lembra-se de seu amigo e de sua amiga que morreram, e que ela era pesquisadora de Baudelaire e também foi quem lhe indicou um texto sobre Thomas Browne; Browne que era médico e possivelmente assistiu a uma das exposições de dissecação públicas do Doutor Tulp, sendo que uma dessas dissecações foi representada em pintura por Rembrandt – a reprodução dessa pintura, assim como uma breve análise sobre seu contexto de produção e da pintura em si, aparecem nesse mesmo capítulo; o narrador retoma Browne e parte de sua percepção/filosofia de vida até que ao final do capítulo fala sobre algumas urnas funerárias encontradas na região de Walsingham, e de como que, para Browne, essas urnas, por terem sido poupadas da ação do tempo, atuam

como “símbolos da indestrutibilidade da alma humana” (SEBALD, 2010, p. 35). Apesar de aqui ficarem evidentes os saltos entre os tópicos, no texto sebaldiano essa passagem é feita de modo muito sutil, a ponto de gerar a impressão de espanto no leitor, quando ele se dá conta da mudança significativa ocorrida na temática do texto.

É no mínimo curioso como se dá o ‘processo de escolha’ das memórias elencadas no livro. Elas possuem um ‘quê’ de arbitrariedade, mas essa arbitrariedade está mais no campo da relação prosaica dos elementos que tornam possíveis a emergência das memórias – quase que qualquer elemento, objeto faz suscitarem novas memórias. Mas no que diz respeito a estrutura narrativa e a concatenação de eventos, a obra não possui nada de arbitrário, pelo contrário, a medida em que fui aprofundando o estudo da obra pude observar como os elementos são altamente articulados. A obra trata o tempo todo da destruição e da ruína. E se há uma temática que perpassa todos os eventos é a da decadência do ocidente, o desenvolvimento de mecanismos e técnicas de destruição. Talvez daí, inclusive, se justifiquem as perspectivas que veem a obra como uma espécie de lamento melancólico pela decadência da cultura europeia...

Um ponto que chama a atenção é como o grande elemento traumático do século XX, o *Shoah*, não é tratado de forma direta e textual na obra. Apesar desse evento perpassar quase toda a narrativa, não há nenhuma menção textual explícita. No entanto, de forma indireta, são realizadas pelo menos duas menções mais significativas ao *Shoah* perpetrado pelos alemães. A primeira é quando o narrador vai contar um fato curioso sobre a vida do Major Le Strange, nesse processo é mencionado que ele participou da libertação do campo de Bergen-Belsen (p. 69); entre a página que começa descrição de Le Strange e a página que fala de suas excentricidades na vida cotidiana, há uma página dupla de uma fotografia de uma floresta próxima ao campo com centenas de corpos espalhados pelo chão (a foto é de George Rodger, em maio de 1945 para a revista *Life*). No texto sebaldiano não há nenhuma menção a esse evento, é como se ele não existisse, como se fosse esquecido – ou melhor, como se não quisesse lembrá-lo.

Há uma interessante metáfora que a estudiosa Astrid Erll (2011) utiliza em seu livro **Memory in culture** e que pode contribuir de um modo em nossas reflexões sobre a tensão entre memória e esquecimento e na paisagem como gatilho mnemônico, ela

diz: “sendo verdade que memórias são pequenas ilhas no mar do esquecimento. No nosso processo de experiência da realidade, esquecimento é a regra e a lembrança a exceção”<sup>4</sup> (p. 9, tradução nossa). Apesar de uma certa plausibilidade no fato de um episódio, mesmo que importante, seja relegado ao esquecimento, é difícil pensar que Sebald realiza essa inserção de modo arbitrário, até porque, ao ser ter em mente todo o arcabouço intertextual mobilizado pelo autor torna-se mais fácil acreditar na incapacidade do leitor de estabelecer ligações e seguir os rastros deixados pelo autor, do que considerar a inserção de uma imagem no texto como puramente arbitrária. Nesse episódio, especificamente, cabe enfatizar ainda, que é para Bergen-Belsen que foi enviada Anne Frank...

O outro evento no qual o narrador faz menção ao *Shoah*, é quando ele fala sobre o cultivo do bicho-da-seda durante o terceiro *Reich*. O narrador diz,

No filme, vemos um criador receber os ovos enviados pelo Instituto Central de Sericultura do Reich em Celle e depositá-los em bandejas esterilizadas, vemos os ovos eclodir e as larvas famintas sendo alimentadas, o traslado para a limpeza das treliças, o trabalho de fiação nas sebes e finalmente a morte, que nesse caso não ocorre ao expor os casulos ao sol ou introduzi-los no forno quente, como era praxe no passado, mas ao suspendê-los sobre um caldeirão com água fervente. Os casulos, espalhados em cestos rasos, têm de ser mantidos por três horas no vapor que sobe do vaso, e quando uma *forrada está pronta*, logo é a vez da outra, e assim por diante, até que toda a matança esteja completa. (SEBALD, 2010, p. 290, grifo nosso).

Como chego a afirmar sobre essa passagem em minha dissertação,

Talvez seja difícil não pensar na similaridade desse procedimento com os campos de concentração e as câmaras de gás, mais do que buscar simplesmente a eliminação de algo (aqui o bicho-da-seda, mas também os judeus, homossexuais, ciganos, entre outros) o nazismo o faz através de uma burocratização do sistema e uma estetização do modo de matar – é o progresso a serviço de um regime de morte. (SOUSA, 2014, p. 29).

Sebald faz com que a presença desse evento traumatizante se faça valer, apesar não falar explicitamente da morte dos judeus e das outras minorias. Desse modo o

---

<sup>4</sup> Texto original: “It is true that memories are small islands in sea of forgetting. In processing our experience of reality, forgetting is the rule and remembering the exception.”

*Shoah* é um dos episódios que ficam nessa grande zona cinzenta da memória e do esquecimento. É algo que fica explicitado, mas que não é dito.

Outro elemento que evidencia o tipo de escolha, de rememoração pretendido pelo narrador é quando ele se propõe a falar sobre as ruínas de Dunwich,

A Dunwich de hoje é o que restou de uma cidade que foi um dos portos mais importantes da Europa na Idade Média. Um dia houve ali mais de cinquenta igrejas, mosteiros e hospitais, havia estaleiros e praças fortes, uma frota pesqueira e mercante com oitenta navios e dezenas de moinhos de vento. Tudo isso foi a pique e agora se encontra debaixo do mar, sob areia aluvial e cascalho, espalhado por uma área de seis ou sete quilômetros quadrados. As igrejas paroquiais de St. James, St. Leonard, St. Martin, St. Bartholomew, St. Michael, St. Patrick, St. Mary, St. John, St. Peter, St. Nicholas e St. Felix vieram abaixo, uma após a outra, tragadas pelo constante recuo do penhasco, e afundaram pouco a pouco nas profundezas, junto com a terra e a pedra sobre as quais a cidade fora construída. Restaram apenas, por estranho que pareça, os poços murados que, libertos de tudo aquilo que antes os cercava, se ergueram durante séculos como as chaminés de uma fundição subterrânea, como relatam vários cronistas, até que também esses símbolos da cidade desaparecida finalmente ruíram. Até por volta de 1890, porém, a chamada Eccles Church Tower ainda podia ser vista na praia de Dunwich, e ninguém sabia dizer como ela, sem pender da perpendicular, chegara até o nível do mar, vinda da altura considerável na qual antes certamente se encontrava. O enigma não foi solucionado até hoje, mas um experimento recente realizado com um modelo sugere que a enigmática Eccles Tower foi construída sobre areia e afundou sob seu próprio peso, tão lentamente que a alvenaria quase não sofreu danos. Por volta de 1900, depois que a Eccles Tower também desabou, a única igreja de Dunwich que restou foram as ruínas de All Saints. (SEBALD, 2010, p. 157–159).

As ruínas dessa cidade retomam as memórias de uma localidade de grande importância, mas que foi engolfada pela natureza. E na obra Sebald, como já mencionado e aqui evidenciado através de exemplos, são as memórias normalmente negligenciadas, deixadas de lado, esquecidas é que são retomadas.

E, ao meu ver, Sebald ao retomar essas memórias culturais, num sentido bem próximo ao que Jan Assmann (ASSMANN, 1995, 2006) dá ao termo, ele está atuando dialeticamente na relação intertextual entre literatura e cultura, e, sendo mais específico conceitualmente, ele provoca o procedimento chamado por Renate Lachmann (2010,

2004) de mnemônica intertextual, que tem em perspectiva que “a função mnemônica da literatura provoca um procedimento intertextual<sup>5</sup>” (p. 309, tradução nossa), ou seja, Sebald utiliza-se da cultura como repositório com o qual dialoga. Ele pensa a literatura como *ars memoriae* por excelência, já que ao mesmo tempo em que incorpora esse repertório, ele também se faz presente como elemento a ser referenciado, já que Enrique Vilas-Mata (2011), Bernardo de Carvalho (2005), entre outros, fazem referência ao livro **Os anéis de Saturno**.

Para ficar somente no exemplo de Vila-Matas (2011), seu narrador diz sobre a angústia que recai sobre ele quando da leitura de **Os anéis de Saturno**:

Às vezes, esse narrador [de **Os anéis de Saturno**] não sabia se estava “mesmo na terra dos vivos ou em outro lugar”. Deus que angústia. [...] A visão de que pequenas populações, paisagens e ruínas solitárias, encontrava com vestígios de um passado que remetia a totalidade do mundo. Sua peregrinação pela costa carecia de alegria, luz e vivacidade. Para um homem morto – parecia dizer o narrador –, o mundo inteiro é um grande funeral. (p. 42, tradução nossa).

Pois, se a literatura for vista como a memória da cultura (ou pelo menos como um dos epicentros dessa cultura), ao carregar em seu repertório virtualmente todos textos escritos o processo de retomada a esse repertório sempre acabará por ocorrer, pois para esses processos, tanto a escrita quanto a leitura são atos de memória e reinterpretação. Cabe um adendo na forma como se dá essas retomadas, pois dependem do conhecimento do escritor/leitor, como nos explicita Jorge Luis Borges (1999) em “Kafka e seus precursores”. Ou seja, o repertório histórico-literário do escritor/leitor direcionará a leitura/interpretação da obra, assim, somente um leitor imerso no aparato cultural que atuou como substrato para a elaboração da obra tem condições plena de traçar as relações de significação possibilitadas/requeridas/almejadas pelo autor; afinal, seu narrador é quase um Funes, o memorioso de Borges.

Espero ainda ter conseguido evidenciar o constructo intertextual, ou a mnemônica intertextual, para utilizar o termo de Renate Lachmann (2010, 2004), na obra (em seu interior) e pela obra (a partir de outra obra que mencionam **Os anéis de**

---

<sup>5</sup> Texto original: “The mnemonic function of literature provokes intertextual procedures”.

**Saturno**) de Sebald, de modo a evidenciar o local de importância de seus livros no rol da literatura, assim como, já membro integrante da memória da literatura.

### Referências

ASSMANN, Jan. *Collective Memory and Cultural Identity*. Tradução de John Czaplicka. **New German Critique**, n. 65, p. 125–133, 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/488538>>. Acesso em: 4 jul. 2011.

ASSMANN, Jan. Introduction: What Is “Cultural Memory”? In: **Religion and Cultural Memory: Ten Studies**. Tradução de Rodney Livingstone. Stanford: Stanford University Press, 2006. p. 1–30.

BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus percussores. In: **Obras completas de Jorge Luis Borges**. São Paulo: Globo, 1999. v. 2. p. 96–98.

CARVALHO, Bernardo. “O mais radioso dos dias.” In: **O mundo fora dos eixos: crônicas, resenhas e ficções**. São Paulo: Publifolha, 2005. p. 145–148.

ERLL, Astrid. Introduction: Why “Memory”? In: **Memory in Culture**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. p. 1–12.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LACHMANN, Renate. Cultural memory and the role of literature. **European Review**, v. 12, n. 2, p. 165–178, 2004.

LACHMANN, Renate. Mnemonic and Intertextual Aspects of Literature. In: ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (eds.). **A Companion to Cultural Memory Studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2010. p. 301–310. Disponível em: <<http://www.degruyter.com/view/books/9783110207262/9783110207262.5.301/9783110207262.5.301.xml>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7–28, 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 10 aug. 2011.

SEBALD, W. G. **Os anéis de Saturno: uma peregrinação inglesa**. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUSA, Marcos Eduardo de. **“Nossa história que consiste quase só em calamidades”**: a memória e o esquecimento na obra “Os anéis de Saturno” de W. G. Sebald. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, 2014.

VILA-MATAS, Enrique. El mal de Montano. In: **El mal de Montano**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2011. p. 13–101.